

Mariana Dalaqua

Fiquei contente quando a redação desta revista entrou em contato comigo pedindo para que eu dividisse com os meus futuros colegas um pouco do meu caminho pela radiologia. Com a minha história, espero poder contribuir para ajudá-los a tomar uma decisão importante como essa, a escolha da especialidade médica.

Estudei na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, escola que tem forte tradição cirúrgica e ortopédica, e naturalmente fui tomando contato e me apaixonando por cirurgia. Por quatro anos, acompanhei o grupo do Dr. Paulo Roberto Corsi, cirurgião do aparelho digestivo, e, como acabei me apaixonando pela área, foi natural prestar cirurgia no sexto ano. Confesso que acabei me inscrevendo em radiologia em outra escola, mas, com receio de ficar muito em dúvida do que fazer se passasse nas duas opções, acabei me deixando levar pelo que parecia “caminho natural”, e não paguei o boleto de inscrição para a radio. Prestei cirurgia em duas escolas, passei, comemorei muito, e comecei a fazer o R1. Apesar de gostar muito da rotina da especialidade, de atender os pacientes no ambulatório e no PS, de operar e ver os pós-operatórios, depois de seis meses percebi que talvez aquela não fosse de fato a vida que eu ia querer para sempre. Sempre tinham me alertado que a vida de cirurgião não é fácil, e não é mesmo, mas parece que tem coisas na vida que a gente tem que passar e que não adianta alguém te contar como é. Ter passado esses quatro anos e meio vivendo isso de perto me faz admirar ainda mais quem se dedica a essa especialidade. Muito trabalho, muito estudo, poucas horas de descanso, muitos convites recusados, pouco tempo com a família e os amigos, enfim o outro lado acabou pesando mais. Apesar de qualquer especialidade médica exigir uma dedicação acima da média, em áreas cirúrgicas isso é ainda mais intenso. Sabia que podia melhorar, mas também sabia que ia demorar. Tomei coragem e decidi que seria o momento de mudar o meu caminho, mesmo

chateada por abandonar a residência, os colegas do grupo e aquela decisão inicial que sempre pareceu a certa. Saí da cirurgia e comecei a amadurecer a ideia de fazer radiologia. Fiz um estágio nos Estados Unidos, pensei em ficar por lá, por muitos motivos percebi que meu lugar é aqui, voltei, estudei tudo de novo e prestei mais uma vez. Quando passei e comecei a segunda residência, tive a gratificante sensação de finalmente ter me encontrado. A radiologia é uma especialidade extremamente versátil e que permite contato direto com todas as outras áreas. Vários métodos de imagem enxergam de maneiras diferentes cada sistema do corpo humano, e todos se complementam lindamente. Tive o privilégio de fazer minha residência no InRad - HCFMUSP, que tem equipamentos de ponta, uma carga didática bem organizada, assistentes que amam e são excelentes no que fazem e que foram grandes exemplos pra mim, além de lá ter feito grandes amigos. Nos três anos da residência, aprendi um pouco de tudo: física, anatomia e patologia de cada sistema do organismo. No final do terceiro ano, há a possibilidade (cada vez mais obrigatória nas grandes cidades) de se fazer um R4 para aprofundar os conhecimentos em uma subárea. Escolhi neuro e fiz meu R4 junto com o ano de preceptoria no HC. O mercado de trabalho ainda tem grande demanda por radiologistas, e acredito que assim permanecerá por alguns anos. No início da carreira, a partir do R4, os plantões são infinitos. Como a demanda ainda é grande, as oportunidades que surgem fazem necessário conciliar o R4 na subárea de interesse com os plantões noturnos e aos finais de semana. Ao contrário do que muita gente pensa, radiologista trabalha muito. Claro que é um trabalho diferente do trabalho do cirurgião, pois pelo menos ficamos sentados e, em geral, com direito a ar condicionado (porque as máquinas exigem um ambiente frio), mas não é nem de longe pouco cansativo. É um trabalho que exige extrema concentração, pois é investigativo (precisamos ver

tudo!), cujas conclusões ficam documentadas num relatório que tem valor legal e, muitas vezes, definem as condutas para o paciente em questão. Os plantões são especialmente pesados hoje em dia, quem vai ao hospital e sai sem fazer nenhum exame? É raro. Ao contrário dos clínicos e cirurgiões, que costumam dividir horários nos plantões, o radiologista em geral fica sozinho a noite toda e tem que dar conta do que vier (em geral, fazer ultrassom, laudar TCs/RMs e ainda discutir os exames externos que outros colegas trazem, tudo no mesmo plantão). A diferença é que na radiologia, em um momento relativamente precoce, as coisas tendem a melhorar, ao meu ver. Como a maioria dos lugares contrata nas rotinas por períodos de seis horas, depois do R4 fica mais ou menos a critério do radiologista decidir o quanto quer trabalhar e, portanto, o quanto quer ganhar. Quem prefere ter um estilo de vida um pouco mais tranquilo pode ter a opção de trabalhar menos períodos, caso queira. Ganhando menos, é claro, “because there’s no free lunch”, como dizem os americanos. E também há as opções de ensino e pesquisa, que são gratificantes para quem tem o perfil e nas quais há muito espaço para o radiologista.

A natureza do trabalho também pode variar muito em função do local. Em geral, clínicas particulares tem exames menos complexos, enquanto hospitais da rede pública e os terciários/quaternários tem mais das chamadas “buchas”, como chamamos de maneira informal os exames difíceis. Via de regra aparece de tudo um pouco, e isso é interessante para ajudar a quebrar a rotina. A possibilidade de alternar períodos de ultrassom com outros de “cross sectional imaging” (TC/RM) também ajuda a tornar o dia-a-dia do radiologista mais dinâmico e interessante.

Hoje estou empenhada na pós-graduação, trabalho num hospital privado e não me imagino fazendo outra coisa.

Boa sorte pra você que tem que escolher agora ou daqui poucos anos escolher certo de primeira é ótimo, mas com a minha história eu quero dizer pra você que está lendo pra não ter medo ou vergonha de mudar de caminho, se achar que deve. Até onde a gente tem certeza, a vida é uma só e nossa maior missão nela é ser feliz!